

EDITORIAL*Adriano Correia (UFG/CNPq)*

Chegamos, enfim, ao terceiro volume dedicado ao tema da banalidade do mal na obra de Hannah Arendt. Igualmente inspirador, este volume começa com o texto de Martine Leibovici, publicado no original em francês e na tradução em português realizada por Carlos Fernando Silva Brito e Alexandrina Paiva da Rocha. Leibovici examina o significado do fenômeno da “incapacidade de pensar” diagnosticado por Arendt em Eichmann e sua conexão com a neutralização da consciência moral pela banalidade do mal.

Fernanda Moi examina a importância da memória e o lugar da reconciliação na justiça transicional, tendo em consideração o caso do genocídio em Ruanda. Colocando Arendt em diálogo com Paul Ricoeur e François Ost, a autora recorre à noção de banalidade do mal para situar Arendt no debate contemporâneo sobre direitos humanos.

Laura Arese reflete sobre a humanidade como um conceito político a partir do diálogo crítico que Arendt estabelece com a “filosofia da humanidade” de Karl Jaspers. Arendt conectava diretamente o racismo que estruturava o totalitarismo nazista ao esfacelamento tanto da ideia clássica de uma humanidade comum quanto da noção iluminista abstrata e universal de humanidade. Concebia, entretanto, como tarefa política relevante, visar um conceito alternativo de humanidade como conceito político.

Beatriz Porcel reflete em seu texto sobre as cartas públicas enviadas ao filho de Eichmann após o julgamento e condenação deste por Günther Anders, primeiro esposo de Arendt e renomado crítico literário. A autora realiza sua análise considerando o tema da filiação e da desfiliação, a caracterização de Eichmann e a responsabilidade e a questão do totalitarismo da técnica.

Concluindo o dossiê, Roan Costa Cardoso analisa a noção de “obediência cadavérica”, reclamada por Eichmann como sua virtude. Em diálogo com Frédéric Gros, o autor reflete sobre um dos elementos centrais da caracterização de Eichmann por Arendt cuja atualidade é desconcertante. No centro da reflexão, o tema da responsabilidade atravessa o texto e realça os dilemas da imputação de indivíduos que se recusam a pensar nos seus atos e a se vincular a eles como seus autores.

Por fim, na seção “Varia” temos o texto de Guilherme Camargo Massau sobre a solidariedade em Hannah Arendt. No texto o autor examina os diversos conceitos de solidariedade mobilizados por Arendt em *Sobre a revolução* e sua importância para uma refundação da esfera pública.

Boa leitura!